

Atuação da marcação na gramaticalização das formas de passado imperfeito no português: o ponto de referência

(The influence of markedness in the imperfective past forms grammaticalization: the reference point)

Raquel Meister Ko. Freitag¹

¹ Núcleo de Letras/Itabaiana – Universidade Federal de Sergipe (UFS)

rkofreitag@uol.com.br

Abstract. *In this text I present and discuss an evidence of the grammaticalization of imperfective past in spoken Portuguese: the constrain of the type of temporal reference in the occurrence of imperfective past. This constrain is motivated of markedness principle.*

Keywords. *grammaticalization; imperfective past; temporal reference form.*

Resumo. *Neste texto, apresento e discuto uma evidência da gramaticalização do passado imperfeito no português falado: a restrição de ocorrência das formas quanto ao tipo de referência temporal, restrição essa decorrente da atuação do princípio da marcação.*

Palavras-chave. *Gramaticalização; passado imperfeito; tipo da referência temporal.*

O passado imperfeito¹

O passado imperfeito, no português, apresenta duas formas de realização: a forma de pretérito imperfeito do indicativo (IMP) e a forma perifrástica constituída pelo auxiliar estar acompanhado do morfema de pretérito imperfeito do indicativo e verbo principal no gerúndio (PPROG), como ilustrado com o verbo *precisar* em (01) e (02), respectivamente:

- (01) “Na época que eu mais precisei dele, que eu mais *precisava* de um apoio, foi quando a minha mãe morreu.” (SC FLP FAP 03)²

¹ Este estudo é um recorte da tese de doutorado “A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança”, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2007, sob orientação da Profa. Dra. Edair Gorski.

² A sigla refere-se à identificação da entrevista de onde foram coletadas as ocorrências. O corpus é constituído por 36 entrevistas de Florianópolis, uma das cidades do Banco de Dados VARSUL, estratificadas quanto ao sexo, três faixas etárias, e três faixas de escolarização. As duas primeiras letras referem-se ao estado (Santa Catarina), as três letras seguintes referem-se à cidade (Florianópolis) e o número é o número do informante. A sigla seguinte informa o sexo do falante (F para feminino e M para masculino), a faixa etária (J para 15 a 21 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos) e o tempo de escolarização (P para 2 a 4 anos, G para 5 a 8 anos e C para 9 a 11 anos).

- (02) “Aí também foi na época que a gente voltou, a gente *estava precisando* economizar pra começar nossa vida.” (SC FLP FAP 01).

O passado imperfeito é um valor semântico-discursivo que se caracteriza por expressar uma situação que apresenta as seguintes propriedades: i) é anterior ao momento da enunciação; ii) é concomitante a outra situação que se torna seu ponto de referência; e iii) apresenta-se como em andamento em relação ao ponto de referência.

Para, inicialmente, entender as propriedades caracterizadoras do passado imperfeito, é preciso considerar a teoria de tempos verbais de Reichenbach (1947) e a noção de aspecto perfectivo e imperfeito de Comrie (1976). Reichenbach (op. cit.) propõe um modelo de estruturação temporal baseado na ordenação de três pontos: o momento de fala, o momento da situação e o ponto de referência. Temporalmente, o passado imperfeito está relacionado com uma situação que ocorreu anteriormente ao momento de fala e simultaneamente a um ponto de referência (também passado). Quanto ao aspecto, de acordo com Comrie (op. cit.), o imperfeito está relacionado à impossibilidade de se determinar os pontos inicial ou final da situação, com foco voltado ao seu desenvolvimento, em contraponto ao perfectivo, que enfatiza os pontos inicial ou final da situação. O passado imperfeito é imperfeito justamente porque apresenta a situação como em andamento, em relação a um ponto de referência passado.

A necessidade de um ponto de referência anterior ao momento de fala e que estabeleça relação de sobreposição com a situação é uma das características definidoras do passado imperfeito no português, que, temporalmente, está associado à simultaneidade entre o intervalo da situação e ponto de referência.

Tipos de ponto de referência

O controle da variável tipo de ponto de referência tem se mostrado significativo nos fenômenos de variação em categorias verbais. Na análise da variação na expressão do passado anterior, Coan (1997; 2003) constata que o tipo de ponto de referência influencia na escolha das formas (pretérito mais-que-perfeito simples e pretérito perfeito). Na presente análise, os pontos de referência foram classificados em textuais ou discursivos.

Ponto de referência textual

O ponto de referência textual é o expresso linguisticamente, ou seja, por meio de palavras. Como as narrativas referem-se a fatos passados, o ponto de referência para o passado imperfeito pode ser dado, por exemplo, por uma situação codificada por pretérito perfeito (PP), como aponta Ikeda (1992), exemplificada em (01) e (02).

- (01) “Aí eu disse: ‘Eu não te quero mais dentro de casa, e se não saíres saio eu. Eu passo a mão nas crianças e saio, saio por aí. Nós vamos morar até debaixo da ponte, em qualquer lugar’, ele viu que não *tinha* mais jeito, ele pegou e foi embora.” (SC FLP FAP 03).
- (02) “Aí eu disse: ‘Eu não te quero mais dentro de casa, e se não saíres saio eu. Eu passo a mão nas crianças e saio, saio por aí. Nós vamos morar até debaixo da ponte, em qualquer lugar’, ele viu que não *estava tendo* mais jeito, ele pegou e foi embora.”

Em (01), *viu*, PP, funciona como ponto de referência para *tinha*, IMP, e em (02), para *estava tendo*, PPROG.

O IMP (ou o PPROG) também pode funcionar como ponto de referência para outra situação que expressa passado imperfeito. A referência textual pode travar forte relação com a configuração sintático-semântica da oração em que ocorre; é pertinente controlar também a configuração sintático-semântica da oração e a forma verbal que funciona como referência: PP em período composto por coordenação e por subordinação; IMP em período composto por coordenação e subordinação.

Ainda de acordo com Ikeda (*op. cit.*), *expressões adverbiais de tempo* também podem funcionar como ponto de referência para o passado imperfeito.

- (03) “*Numa ocasião*, o nosso motorista bateu com a caminhonete. Ele *morava* perto do dono da firma, lá em Biguaçu. *Num domingo*, ele veio de Biguaçu avisar pra mim, aqui no Aeroporto, que eu *morava* no Aeroporto, que o motorista tinha batido na caminhonete.” (SC FLP 02 MAP)
- (04) “*Numa ocasião*, o nosso motorista bateu com a caminhonete. Ele *estava morando* perto do dono da firma, lá em Biguaçu. *Num domingo*, ele veio de Biguaçu avisar pra mim, aqui no Aeroporto, que eu *estava morando* no Aeroporto, que o motorista tinha batido na caminhonete.”

Em (03) e (04), os adjuntos adverbiais de tempo *numa ocasião* e *num domingo* estabelecem o ponto de referência para a narrativa; o primeiro situa a narrativa num tempo, que é retomado e especificado pelo segundo adjunto adverbial.

Dadas as possibilidades de realização do ponto de referência textual para o passado imperfeito, discutir questões metodológicas de como identificá-lo se faz essencial. Ponto de referência é uma coordenada temporal em função da qual se definem os valores temporal e aspectual de enunciado. Há que se considerar, ainda, conforme apontam Ikeda (1992) e Matos (1996), a possibilidade de um ponto de referência ancorar toda uma seqüência de situações, como é o caso de (3)-(4).

Como visto acima, adjuntos adverbiais, formas verbais e orações podem funcionar como coordenada temporal para o passado imperfeito. No par (3)-(4), os adjuntos adverbiais temporais *numa ocasião* e *num domingo*, (que estabelecem relação de correferencialidade, uma vez que *num domingo* retoma *numa ocasião*), estabelecem ponto de referência para a seqüência de situações que constituem o episódio relatado: “o motorista bateu na caminhonete”; “o motorista estava morando em Biguaçu”; “o dono da firma veio de Biguaçu avisar o falante sobre o ocorrido”; “o falante estava morando no aeroporto”. Interessam como dados de análise as situações que expressam passado imperfeito. As relações entre a situação e o ponto de referência estão diagramadas na figura 1.

No diagrama, o ponto de referência, em itálico, estabelece uma âncora temporal para as situações, representada pela linha tracejada. “Bater” e “vir” são situações apresentadas como fechadas, e por isso, são representadas no diagrama por um traço pontual. Já as situações de “morar” são apresentadas como em andamento, e no diagrama são representadas por um intervalo retangular. Embora todas as situações tenham ocorrido *numa ocasião*, especificada como *num domingo*, é possível estabelecer uma ordem seqüencial de acontecimento: *morar*, *bater*, *vir*. A ordenação seqüencial é possível somente na perspectiva da situação. Na perspectiva do falante/ouvinte, todas as situações são vistas como simultâneas ao ponto de referência. A perspectiva de análise a ser considerada é a perspectiva do falante/ouvinte, pois, de acordo com Travaglia (1981), a ordem seqüencial das situações de passado imperfeito tende a seguir a ordem linear dos acontecimentos no mundo.

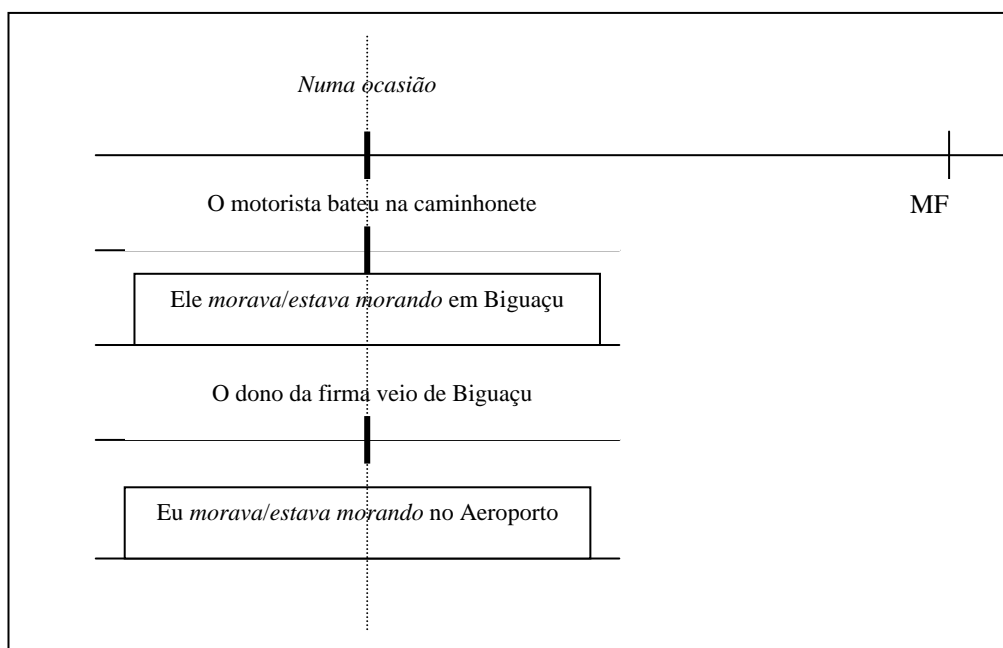


Figura 1. Relações entre ponto de referência e situação para (03)-(04)

O ponto de referência textual estabelecido por um adjunto adverbial é o mais facilmente identificado e reconhecido.

Também uma oração adverbial pode funcionar como ponto de referência para o passado imperfeito. O estabelecimento da referência para uma situação no plano oracional segue a proposta de Hinrichs (1986) para a ordenação de situações ligadas pelo conector temporal *when* (quando) no inglês. O princípio básico de ordenação é que a oração com *when* introduz um novo ponto de referência. Por extensão, as orações subordinadas temporais sempre serão consideradas ponto de referência a uma oração principal, ainda que a principal seja a oração com IMP ou PPROG.

Por exemplo, uma situação como “*Luís entrava/estava entrando no cinema quando eu estava saindo/saía*”, em que há dois dados de análise, a oração principal toma como ponto de referência a oração subordinada, que por sua vez, necessita de outro ponto de referência no passado – o qual é estabelecido no discurso ou através de um adjunto adverbial temporal – que ancore a seqüência de situações, como diagramado na figura 2; *Naquela tarde, Luís entrava/estava entrando no cinema quando eu estava saindo/saía*. (Brucart, 2003, p. 9)

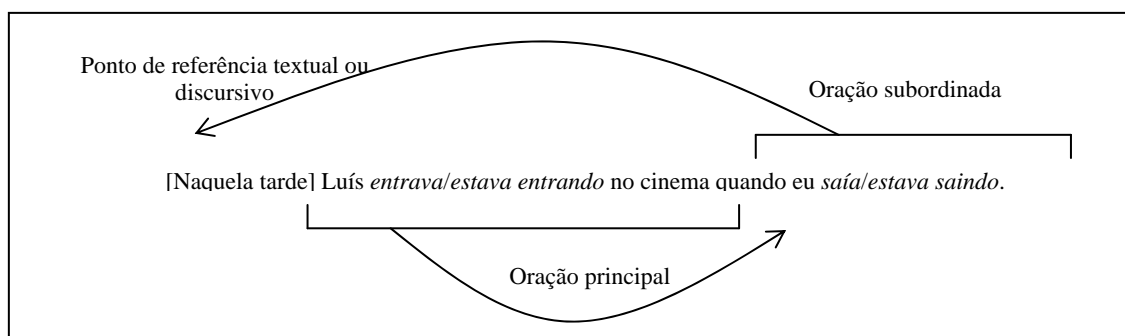


Figura 2. Diagramação da relação estabelecida entre oração principal e subordinada como ponto de referência

O par (05)-(06) ilustra uma situação expressando passado imperfectivo que está ancorada em um ponto de referência constituído por oração subordinada adverbial.

- (05) “Quando eu comecei a parar pra pensar que tipo de vida que eu estava levando, eu estava achando assim: ‘Meu Deus, eu sou tão esquisita’, eu fiquei pensando comigo assim, né?” (SC FLP FAP 03)
- (06) “Quando eu comecei a parar pra pensar que tipo de vida que eu estava levando, eu achava assim: ‘Meu Deus, eu sou tão esquisita’, eu fiquei pensando comigo assim, né?”

A oração subordinada “quando eu comecei a parar pra pensar que tipo de vida que eu estava levando” funciona como ponto de referência para a oração principal “eu achava/estava achando assim”. A diagramação é apresentada na figura 3.

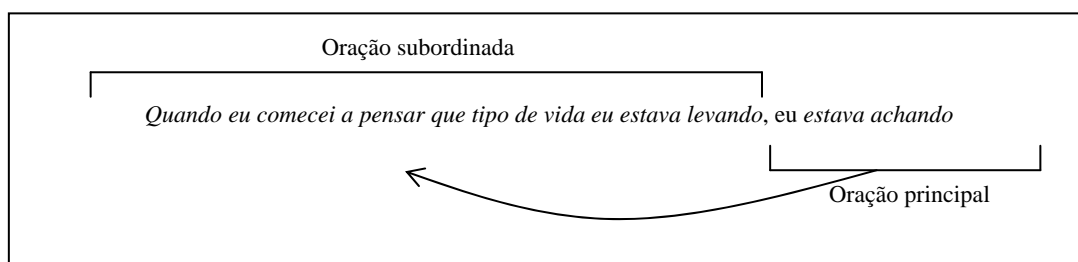


Figura 3. Diagramação do par (05)-(06) quanto ao ponto de referência

Em suma, a oração subordinada adverbial funciona como ponto de referência para a oração principal. Porém, ainda no par (05)-(06), há outro dado de análise que necessita do estabelecimento do ponto de referência. Dentro da oração subordinada adverbial há um dado de análise: “quando eu comecei a parar pra pensar que tipo de vida eu estava levando”. Onde buscar o ponto de referência? Seguindo a proposta de Ikeda (1992), uma forma verbal pode funcionar como ponto de referência para o passado imperfectivo, como no par (01)-(02). A oração é subordinada em relação à oração principal “eu estava achando assim”. Mas a sua estrutura é complexa: a construção “comecei a parar pra pensar” tem como objeto uma oração: “que tipo de vida eu estava levando”. Para o estabelecimento da referência nos casos em que a situação sob análise está na oração subordinada, o critério adotado é buscar primeira forma verbal flexionada acessível no nível do enunciado. Nesse caso, a primeira forma verbal acessível é o PP em *comecei* (figura 4).

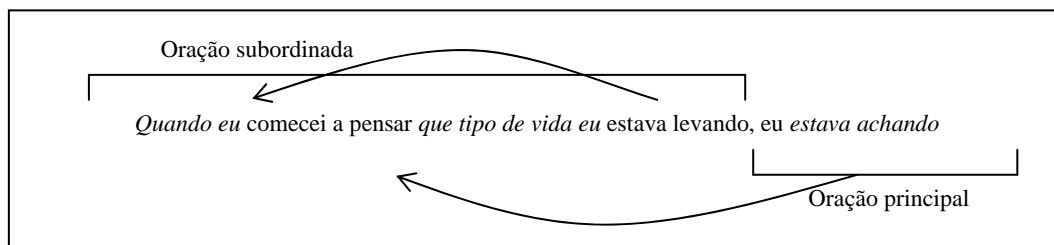


Figura 4. Diagramação do ponto de referência da oração subordinada substantiva do par (05)-(06)

Como já apontado anteriormente, o par (01)-(02) também apresenta um dado de análise do passado imperfectivo (figura 5). A forma *tinha/estava tendo*, que ocorre em uma oração subordinada substantiva, toma como ponto de referência a forma de PP na oração principal, que, por sua vez, estabelece suas relações temporais tomando como ponto de referência a forma verbal *disse*.

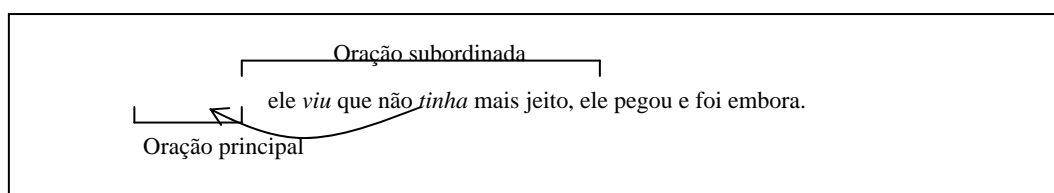


Figura 5. Diagramação do ponto de referência da oração subordinada substantiva do par (01)-(02)

- (07) “Apesar de que esse fez uma coisa muito errada: em vez de tocar a mão no dinheiro do grande, ele pegou aquele coitadinho que *tinha* uma poupança de cento e cinquenta mil, que *estava querendo* comprar um terreninho e confiscou.” (SC FLP MAP o2)
- (08) “Apesar de que esse fez uma coisa muito errada: em vez de tocar a mão no dinheiro do grande, ele pegou aquele coitadinho que *estava tendo* uma poupança de cento e cinquenta mil, que *queria* comprar um terreninho e confiscou.”

No par (07)-(08), há dois dados de análise: *tinha/estava tendo* e *queria/estava querendo*; *tinha/estava tendo* é uma situação na oração relativa, que toma como ponto de referência a forma verbal de PP na oração principal, *pegou*. Já *queria/estava querendo* é uma forma verbal em uma oração subordinada relativa, que estabelece seu ponto de referência na primeira forma verbal acessível, a forma de passado imperfectivo *tinha/estava tendo*.

O ancoramento de pontos de referência tem uma delimitação *default*: a primeira forma verbal acessível no nível do evento. Ou seja, uma seqüência de situações pode estabelecer um ponto de referência desde que esteja no nível do evento. Para além do evento, o ponto de referência será considerado discursivo. É uma decisão que tem como consequência o inchaço da manifestação de ponto de referência discursivo, como será visto na seção a seguir. Em suma, o protocolo de estabelecimento do ponto de referência textual é o seguinte: o ponto de referência para o passado imperfectivo é estabelecido no nível do evento, buscando: i) um adjunto adverbial temporal; ou ii) uma oração subordinada temporal; ou iii) a 1ª forma verbal acessível no nível do evento.

As formas de manifestação do ponto de referência textual são as seguintes: i) adjunto adverbial, como no par (03)-(04); ii) oração temporal, como no par (05)-(06); iii) IMP em período composto por coordenação; iv) PP em período composto por coordenação, como no par (01)-(02); v) IMP em período composto por subordinação, como na segunda oração do par (07)-(08); e vi) PP em período composto por subordinação, como na primeira oração do par (05)-(06) e na primeira oração do par (07)-(08).

Ponto de referência discursivo

Por opção metodológica, o ponto de referência discursivo é todo aquele que não for de natureza textual. Ou seja, se o ponto de referência não for dado por meio de um adjunto adverbial, ou por uma oração temporal, ou recuperável pela primeira forma verbal flexionada no nível do evento, o ponto de referência da situação que expressa passado imperfectivo será considerado como discursivo. Discursivo, nesse caso, recobre tanto a natureza pragmática, como de conhecimento compartilhado e de inferível pelo contexto. Se o ponto de referência estiver fora do escopo do evento, ainda que seja textualmente dado, será considerado como ponto de referência discursivo. Como

consequência dessa decisão, as primeiras orações de períodos compostos que abrem um evento que não tiverem um ponto de referência dado por uma oração temporal ou por um adjunto adverbial, terão seu ponto de referência classificado como discursivo.

A inferência contextual permite, por exemplo, recuperar o ponto de referência da situação destacada em (01), *estava fazendo*. O evento que recobre a situação analisada não apresenta um ponto de referência textualmente dado. O ponto de referência é inferido pelo contexto e pelo conhecimento de mundo. Esse tipo de situação terá seu ponto de referência classificado como discursivo.

- (01) “E pra fazer a casa lá na praia dos Ingleses. É, lá na casa de madeira. Aí, nós ficamos lá, né?. Aí, o pai que chegou assim: ‘É, queria ter um cachorrinho.’ Aí, de repente o pai foi lá no meu tio. Ele *estava vendo* televisão, ele bateu na janela assim. Ele botou a cabeça do cachorrinho assim na janela. Eu não acreditei.” SC FLP MJG 15

Resultados

A investigação da variação na expressão do passado imperfectivo tomou como corpus 36 entrevistas do Banco de Dados VARSUL (Variação Lingüística Urbana da região Sul do Brasil) relativas à cidade de Florianópolis, estratificadas quanto ao sexo, tempo de escolarização e faixa etária dos indivíduos. Foram coletadas 882 ocorrências da função “passado imperfectivo”, das quais 546 realizadas pela forma IMP e 336 realizadas pela forma PPROG. Os dados foram categorizados e submetidos à análise estatística. Os resultados obtidos evidenciam a importância do tipo de ponto de referência na escolha das formas para expressar passado imperfectivo.

Tabela 1: Tipo de referência da situação em função de IMP

Tipo de ponto de referência	Peso Relativo	%	Apl./total
<i>IMP em período composto por coordenação</i>	0,59	74,0	135/169
<i>PP em período composto por coordenação</i>	0,51	63,8	67/105
<i>IMP em período composto por subordinação</i>	0,49	64,2	43/67
<i>PP em período composto por subordinação</i>	0,22	33,8	27/80
<i>Oração temporal</i>	0,63	72,0	36/50
<i>Adjunto adverbial</i>	0,40	50,4	61/121
<i>Referência discursiva</i>	0,55	64,5	187/290
	Input: 0,65	Log -457,819	Sig.: 0,000

Como esperado, o maior número de ocorrências de tipo de ponto de referência é o discursivo, com 290 dados (tabela 1). Quando o ponto de referência é discursivo, a escolha das formas não parece ser influenciada; uma leve tendência à forma IMP é apontada pelo peso relativo de 0,55.

Os fatores que favorecem a ocorrência de IMP para expressar passado imperfectivo são *oração temporal* e *IMP em período composto por coordenação*, ambos com pesos relativos na casa de 0,60. Já o uso de PPROG é fortemente favorecido em contextos de PP em *período composto por subordinação*, com peso relativo de 0,78 (0,22 para IMP), e também em contextos de *adjunto adverbial*, com pesos relativos na casa de 0,60 (0,40 para IMP).

Os resultados apontam para um possível envezamento de fatores: IMP em período composto por coordenação vs. PP em período composto por subordinação. É a estrutura sintática ou é o tipo de ponto de referência (perfectiva vs. imperfectiva) que

atua na escolha entre as formas na expressão do passado imperfeito? Para dirimir a questão, os dados foram submetidos a outros arranjos dos fatores da variável *tipo de referência*. Primeiramente, os fatores foram amalgamados em função da estrutura sintática, na oposição coordenação vs. subordinação, apresentados na seção a seguir.

Ponto de referência quanto à estrutura sintática

Com a realização de novas análises, com a amalgamação de fatores quanto à estrutura sintática,³ (tabela 2), a subordinação atua na variação do passado imperfeito, restringindo IMP e favorecendo PPROG, enquanto a coordenação favorece IMP e restringe PPROG.

Os resultados para adjuntos adverbiais temporais e as orações subordinadas adverbiais temporais – pesos relativos de 0,38 e 0,61, respectivamente – também se mantêm na análise com amalgamação em função da estrutura da oração. Os resultados divergentes para as expressões temporais podem ser explicados se considerar que as orações subordinadas adverbiais temporais estão associadas à IMP, denotando um intervalo temporal, expresso como em andamento, enquanto os adjuntos adverbiais referem-se a um instante ou a um intervalo pontual e fechado. Essa correlação é representada prototipicamente pelos pares (03)-(04) e (05)-(06) da seção “Tipo de ponto de referência”.

Tabela 2: Tipo de referência da situação em função de IMP considerando a oposição estrutural coordenação vs. subordinação

	Peso Relativo	%	Apl./total
<i>Coordenação</i>	0,57	70,1	192/274
<i>Subordinação</i>	0,36	47,6	70/147
<i>Adjunto adverbial</i>	0,38	50,4	61/121
<i>Oração adverbial</i>	0,61	72,0	36/50
<i>Referência discursiva</i>	0,52	64,5	187/290

Input: 0,62 Log: -571.118 Sig.:0,000

A noção de perfectividade vs. imperfectividade (pontual, fechado vs. intervalo, andamento) pode ser mais produtiva na amalgamação de fatores do que a estrutura sintática, possibilidade discutida na seção a seguir.

Ponto de referência quanto à perspectiva

Desta vez, a amalgamação dos fatores foi realizada considerando a perfectividade/imperfectividade do ponto de referência verbal. Assim, os fatores “PP em período composto por coordenação” e “PP em período composto por subordinação” foram amalgamados sob o rótulo de “ponto de referência verbal perfectivo” e “IMP em período composto por coordenação” e “IMP em período composto por subordinação” foram amalgamados sob o rótulo de “ponto de referência verbal imperfeito” (tabela 3).

³ Na nova análise, PP em período composto por coordenação foi amalgamado com IMP em período composto por coordenação, sob o rótulo “coordenação”; e PP em período composto por subordinação foi amalgamado com IMP em período composto por subordinação, sob o rótulo “subordinação”.

Tabela 3: Tipo de referência da situação em função de IMP a perfectividade vs. imperfectividade da referência verbal

	Peso Relativo	%	Apl./total
<i>Ponto de referência verbal perfectivo</i>	0,38	50,8	94/185
<i>Ponto de referência verbal imperfectivo</i>	0,60	71,2	168/236
<i>Adjunto adverbial</i>	0,38	50,4	61/121
<i>Oração adverbial</i>	0,61	72,0	36/50
<i>Referência discursiva</i>	0,52	64,5	187/290
Input 0,62 Log: -572.105 Sig.: 0.000			

Os resultados obtidos com essa amalgamação evidenciam a correlação entre ponto de referência perfectivo e a forma PPROG e ponto de referência imperfectivo e a forma IMP. O comportamento das formas verbais que funcionam como ponto de referência para o passado imperfectivo é estatisticamente muito próximo do comportamento das expressões temporais, que apontam a correlação entre adjuntos adverbiais temporais e perfectividade (com pesos relativos de 0,38 e 0,38; 0,40 e 0,40; e 0,39 e 0,40, respectivamente, para IMP) e orações subordinadas adverbiais temporais e imperfectividade (com pesos relativos de 0,60 e 0,61; 0,63 e 0,54; e 0,62 e 0,65, respectivamente, para IMP).

Os pesos relativos para o ponto de referência verbal perfectivo e para adjunto adverbial são exatamente os mesmos (exceto na análise que considera pares mínimos em aspecto durativo), o que pode ser interpretado como evidência da semelhança de comportamento no que se refere à (im)perfectividade e licenciando a amalgamação dos fatores “ponto de referência verbal perfectivo” e “adjunto adverbial” (*referência perfectiva*) e “ponto de referência verbal imperfectivo” e “oração subordinada adverbial” (*referência imperfectiva*) (cf. Guy, 1998). Cabe ressaltar que essa possibilidade de amalgamação não foi planejada no momento da codificação dos dados, portanto, a amalgamação precisa ser vista com muitas ressalvas. O argumento mais forte para justificar essa amalgamação é a proximidade do comportamento estatístico. Registre-se que o controle desse grupo de fatores precisa ser revisto, com o desdobramento em dois ou mais grupos de fatores que interajam entre si para compor uma descrição mais detalhada do tipo de ponto de referência para o passado imperfectivo.

Os resultados obtidos com a amalgamação dos fatores em função da (im)perfectividade (tabela 4) apontam duas tendências de polarização: o ponto de referência imperfectivo tende a favorecer a forma IMP, com peso relativo de 0,60, e o ponto de referência perfectivo tende a favorecer a forma PPROG, com peso relativo de 0,62.

Tabela 4: Tipo de referência da situação em função de IMP quanto à perfectividade vs. imperfectividade do ponto de referência

	Peso Relativo	%	Apl./total
<i>Ponto de referência perfectivo</i>	0,38	50,7	155/306
<i>Ponto de referência imperfectivo</i>	0,60	71,3	204/286
<i>Ponto de referência discursivo</i>	0,52	64,5	187/290
Input 0,62 Log: -572,114 Sig.: 0,000			

O ponto de referência discursivo mantém-se estatisticamente neutro; por ser um fator que envolve a aproximação do ponto de vista do analista com o de ouvinte, o que torna a análise e classificação relativamente permeada por dúvidas, os resultados devem

ser relativizados. Dada a quantidade significativa de ocorrências (se comparada ao total da amostra), este fator é passível de uma análise mais acurada para buscar evidências para descartá-lo ou torná-lo pertinente ao fenômeno.

Atuação da marcação na expressão do passado imperfectivo

A atuação da marcação (Givón, 1995, 2001; Dubois e Votre, 1994; Gorski, Tavares e Freitag, 2008) está associada à complexidade e à previsibilidade: significados e funções complexos e menos previsíveis tendem a ser codificados através de formas compostas por mais ‘marca’, isto é, formas compostas por um maior número de material lingüístico – fonemas, morfemas, palavras. Nessa linha, Givón (2001) aponta a existência de uma relação icônica entre o processamento cognitivo da língua e sua representação material no discurso, no sentido de que processos de produção mais complexa são codificados lingüisticamente através de formas materiais mais marcadas. Segundo Givón, formas que pertencem a uma mesma categoria gramatical diferenciam-se quanto ao grau de marcação: as marcadas tendem a ser utilizadas em contextos cognitivo-comunicativos complexos; por sua vez, as formas não marcadas tendem a ser utilizadas em contextos mais simples. Ou seja, as formas gramaticais podem vir a receber usos especializados, particularizados para certos contextos em razão de seu grau de marcação lingüística.

Givón (op. cit.) define critérios para a identificação de formas marcadas: i) complexidade estrutural: a forma marcada costuma ser mais complexa (em termos de extensão e/ou número de morfemas) que a não marcada; ii) distribuição de frequência: a forma marcada costuma ser menos freqüente que a não marcada, o que lhe rende maior saliência cognitiva; iii) complexidade cognitiva: a forma marcada costuma ser cognitivamente mais complexa, aumentando a necessidade de atenção, o esforço mental e o tempo de processamento. Esses critérios podem ser aplicados não apenas a casos de oposição binária, mas também a casos de categorias que agrupam mais de duas formas, pois possibilitam a organização escalar das formas segundo os diferentes graus de marcação que apresentam.

A marcação também pode atuar no sentido de estabelecer o equilíbrio cognitivo contextual: formas marcadas tendem a ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas são atraídas por contextos mais marcados, funcionando como uma espécie de auto-regulação do sistema. Essa inclinação à polarização tem sido descrita como *marcação expressiva* ou *princípio da expressividade retórica* (Dubois e Votre, 1994), e atua no sentido de equilibrar o esforço de (de)codificação decorrente de aspectos de um fenômeno semântico-discursivo. O princípio da expressividade foi proposto como uma reformulação do princípio de marcação em termos de que “é preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação” (op. cit., p.12). Em outras palavras, um procedimento discursivo marcado tenderia a reduzir ou eliminar o esforço de codificação.

Quanto ao tipo de ponto de referência na expressão do passado imperfectivo, a atuação da marcação evidencia a tendência ao equilíbrio cognitivo: o imperfectivo é o aspecto marcado, em relação ao perfectivo. A referência perfectiva harmoniza com a forma mais marcada PPROG, enquanto a referência imperfectiva harmoniza com a

forma menos marcada, IMP. O resultado do controle da variável ‘tipo de ponto de referência da situação que expressa passado imperfectivo’ aponta para a polarização de tendências de uso que são resumidas no quadro 1.

	IMP	PPROG
<i>Ponto de referência perfeito</i>	-	+
<i>Ponto de referência imperfectivo</i>	+	-
<i>Ponto de referência discursivo</i>	-/+	-/+

Quadro 1. Tendências de uso de IMP e PPROG na expressão do passado imperfectivo quanto ao tipo de ponto de referência

A marcação atua tentando evitar deixar os contextos carregados, distribuindo o peso cognitivo entre os elementos: se o contexto é mais marcado, elege uma forma menos marcada, para compensar. A polarização das formas quanto ao tipo de ponto de referência, assim como a extensão da situação e os traços aspectuais da situação – fatores explorados em Freitag (2007) – são evidências para a construção da trajetória de gramaticalização de IMP e PPROG na expressão do passado imperfectivo no português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUCART, J. El valor del imperfecto de indicativo en español. *Estudios Hispánicos*, n.6, 2003. p. 193-233.
- COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais que) perfeito*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.
- COAN, M. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- DUBOIS, S., VOTRE, Sebastião Josué. *Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo lingüístico: à procura da essência da linguagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994
- FREITAG, R. *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança*. Tese (Doutorado em Lingüística) Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- GORSKI, E.; TAVARES, M. A. ; FREITAG, R. . Restrições de natureza cognitivo-comunicativa: marcação vs. expressividade retórica em fenômenos variáveis. In: Claudia Roncarati; Jussara Abraçado. (Org.). *Português Brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, 2008, p. 101-117.

GUY, G. VARBRUL: Análise avançada. *Cadernos de Tradução* – Instituto de Letras/UFRGS – nº 1, 1998, p. 27-49.

IKEDA, S. O pretérito imperfeito: a importância da superestrutura na sua compreensão. *DELTA*, v. 8, n. 1, 1992. p. 43-70.

MATOS, S. Aspectos da semântica e pragmática do imperfeito do indicativo. *Revista da Faculdade de Letras 'Língua e Literaturas'*, n. 8, 1996. p. 435-473.

REICHEMBACH, H. The tenses of verbs. In _____. (ed.), *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.

TRAVAGLIA, L. *O aspecto verbal no português – a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Gráfica da UFU, 1981.